

# a m u l h e r intelectual portuguesa

por MARIA AURORA

As poucas existentes entre nós não sabem, duma maneira geral, realizar a sua missão verdadeira e conscientemente.

E como nos disse num artigo do «Sol Nascente» Armando Martins, elas enchem os jornais, revistas, folhetos e livros duma literatura inútil, se assim lhe podemos chamar.

Há uma ou outra que sai desse conjunto e se constataremos bem a sua maneira de ser, temos ocasião de ver a luta que sustenta contra o meio. Nessas, podemos ver a sua alma feminina e de ser humano. Mas são tão poucas!

As outras, a maioria, seguem o caminho que Armando Martins descreve.

O seu artigo «A mulher intelectual portuguesa—nos livros, no amor e na vida», é a expressão exacta do que se passa. É veemente, poderá ser «indicado», mas é preciso. Por isso mesmo, todas nós, mulheres inconformistas, lhe devemos agradecer a sua atitude.

Estou completamente de acordo com ele, quando afirma: «A mulher portuguesa é amorosa como uma gata, mesmo quando é poeta. Não compreende a dedicação e o interesse por qualquer convicção social: a sua ambição começa e acaba no homem e a sua grande felicidade, é um beijo longamente desejado».

Mas observando bem os factos, de quem é a culpa? É só dela? Oh! não, o homem tem-na em maior escala. Se ela não compreende a razão do seu ser, a ele o deve.

Quem foi que a escravizou durante séculos e séculos? Que lhe faziam e diziam quando ela tentava reagir? Que instrução lhe permitiam? Que obras lhe davam para ler? Em suma, que vida era permitida à mulher?

Viver em casa, tratar do marido e dos filhos ou, então, ir para um convento—as ricas ou servir o seu senhor—as pobres.

Era nisto que se resumia a vida dum ser, que não sendo nem superior nem inferior ao homem, mas diferente, nascia, desenvolvia-se e morria, sem deixar mais que os filhos, como vestígio da sua passagem pela terra.

Recordemos o que se discutiu no concílio de Niceia, ano 325, se a mulher teria ou não alma, os princípios de Platão

que a desproviavam de toda a educação, etc. Há tanta e tanta coisa que citar a este respeito!...

Ela tem culpa, mas a do homem é maior, sendo a ele que se deve o seu estado actual, de pobre ente que se encontra submisso perante o seu senhor.

Ainda hoje, que livros se dão para as mãos das nossas jovens? Os de Mme Dolly, Max du Veuzi, etc. E quando elas têm a curiosidade de ler um de Ferreira de Castro, Cervantes, Wells, Barbussé, Maria Lacerda de Moura, etc. e acompanhar as evoluções do mundo, todos nós sabemos o que lhes dizem e a grande oposição que lhes fazem.

Ela habituada à escravidão de tantas centenas de anos, tenta pô-la de lado, mas isso quanto lhe não tem custado e custará!... Se há homens que a compreendem, outros há que não, e infelizmente são esses que representam a maioria.

Uma coisa que custa a acreditar, mas que é a realidade, é o facto dos homens que se dizem superiores, conscientes e dum certo grau de cultura, na prática, só desejarem a mulher como «anjo do lar» e nada mais que isso. Quem lê os seus escritos, faz um juízo, mas quem os conhece, faz um outro e oposto. É assim que acontece com um grande número dos nossos homens intelectuais. Vê-se isso com tanta facilidade!

Ao saírem das universidades, as nossas mulheres, que fazem depois?

Umam casam-se—poucas é certo—e duma maneira geral, ficam sem exercer função alguma que se relacione com os seus trabalhos e conhecimentos anteriores. Mas é preciso acentuar quem é ainda o culpado. Sim, é o homem. E quem sabe se não será ele mesmo, que admitindo que ela o possa superar pela sua actividade intelectual, lhe impõem o constrangimento desta acção e a querem só como «anjo do lar»? E isto verifica-se desde o comerciante da aldeia até ao intelectual da Academia de Ciências...

As outras, as que estabelecem o seu consultório ou se servem do que estudaram para o bem da sociedade, nenhum homem as procura. Já

(Continua na página dezanove)

# d e O ultimo filme de Pabst

por MANUEL DE AZEVEDO

uma experiência, mero ensaio para futuros trabalhos e esperemos a continuação de uma obra que parecia ter terminado.

Há ainda muito a esperar de Pabst.

A geração dos 20 anos, que não conseguiu fazer ouvir os seus primeiros vagiões (o urroar dos canhões da Grande Guerra dominava e ensurdecia tudo) mas que ora quer fazer ouvir a sua voz, já masculina, forte mas consciente, deve muito a Pabst. Com efeito, nós, jovens que no desejo de conhecimento e construção nos debruçamos sobre a existência em atitude que pretende ser de análise serena, temos na obra de Pabst—obra forte de temas, sugestiva e coerente, plena de humanismo—campo fértil de ensinamentos, sugestões de cooperação e amor.

Quando, postos de lado os últimos calções, nos deliciávamos perante o beijo final e casadoiro do cinema de então, Pabst deu-nos *Quatro de Infância*—a destruição, a morte e o ódio; o drama da vida—e *A Tragédia da Mina*—a irmanação na tragédia, o findar dos ódios; a vontade do homem vencendo o drama. E, porque essa obra surgiu no despertar das nossas consciências, a sua influência foi enorme.

Eis porque devemos olhar com interesse para as actuais tendências desse invulgar cineasta e homem de pensamento que, após dois ou três anos de silêncio, recomeça agora a sua actividade.

Já se exibiram, entre nós, nesta época, duas obras suas. *O Herói Moderno*, um filme correcto sem nada de novo, feito na América (ver a crítica de Alves Costa no n.º 19), e agora *A Mulher que Destruiu Salónica*, feito em França.

*A Mulher que Destruiu Salónica* é uma história de espionagem, banal complicação de situações, atravessada por um caso psicológico interessante, infelizmente um pouco apagado pelas exigências da história. É o caso de um espão, apanhado pela contra espionagem, que ante a ideia de ser fuzilado, vende a dignidade, traíndo os antigos companheiros. A seguir, fingindo continuar a desempenhar a sua missão mas sendo na realidade um delator

e um canalha, jogador e devasso, apaixonado-se por uma outra espiã que o despreza. Mas ele, continuando embora a ser denunciante e vicioso, acaba por sacrificar-se, preferindo morrer a denunciar a mulher que ama, vencendo desejos de vingança, recalcan-do ódios e despeitos, num gesto de dedicação ignorada, que afinal resultou inútil.

*A Mulher que Destruiu Salónica* é uma película desigual. Servido por um assunto muito explorado e sem finalidade, Pabst conseguiu, contudo, produzir um filme de certo mérito. Ensalando nêse processos novos obteve resultados magníficos. Assim, as cenas iniciais são excelentes na sua sobriedade e clareza, sugerindo factos que não chegam a ver-se mas que ficam bem expressos pela cena seguinte, consequência lógica do que se esboçou apenas. É magnífica também a cena do bocado no quartel general dos espões (uma loja de frutas). Os olhares estranhos do idiota e o gesto mais inocente aterrorizavam os espões, predispostos a ver em toda a gente perseguidores e policiaes.

O caso psicológico está quasi à parte da estafada aventura da espionagem que precede a destruição de Salónica, intercalando-se entre as peripécias meio policiaes da história. Era pois fatal um desequilíbrio, que tira ao filme o sentido de unidade que se faz mister.

A personagem de denunciante, figura curiosa, joguete de sentimentos vários—medo, cubícia, amor, ódio, abnegação,—conservando-se algo enigmática neste entrecrocado de paixões, foi desempenhado por Pierre Blanchar, actor de vastos recursos, assinalados já em anteriores trabalhos, como por exemplo em *Crime e Castigo* e em *O Culpado*, um belo filme de Raymod Bernard, há pouco exibido no Rivoli.

Com *A Mulher que Destruiu Salónica* Pabst não chegou, evidentemente, a produzir obra que valha um dos seus antigos trabalhos. Mas assinala uma considerável melhoria de forma a par de uma reconquista de personalidade que parece ter perdido em *O Herói Moderno*. Consideremos o presente filme como

# c i n e m a AS PÉROLAS DA COROA LOBOS DO MAR

— grande variedade de figuras históricas  
comandadas por Sacha Guitry

Por muito bem que saiba deitar melas-solas, não queira o sapateiro tocar rabecão...

Sacha Guitry pode gozar uma grande consideração e possuir muitos méritos como mediante e homem de teatro, mas de cinema percebe pouco. Mesmo como mediante e homem de teatro ponho em dúvida a posse de grandes méritos verdadeiros, mas isso não é caso para aqui ser tratado. De resto, serve apenas de ponto de referência, por um lado o seu filme «As Pérolas da Coroa», e por outro a leitura duma das suas comédias, pobre de espírito e vazia de conteúdo.

É claro que se ninguém vai à mão ao sapateiro por querer tocar rabecão, também o senhor Sacha Guitry pode tranquilamente fazer as fitas que quiser... e não faltará quem o admire e o cubra de aplausos.

Simplesmente, fazer cinema, não é apenas registar num filme uma longa série de quadros (e uso este termo no sentido que se lhe dá em teatro) mais ou menos em relação directa, ligá-los por um cordelinho em ares de narrativa e fazer surgir e desaparecer mil e uma figuras com maior ou menor aparato, com mais ou menos palavreado.

Pretensioso e superficial, Sacha Guitry, pretendendo contar-nos a história das pérolas da coroa britânica, arquitectou, com factos autênticos e historietas accessórias de pobre imaginação, uma espécie de... revista, revista evocativa com grande desfile de históricos personagens, apenas interrompido (para amenizar com um pouco de exotismo) pelo desagradável quadro da Abissínia, com uma ridícula imperatriz enfarruscada a carvão e duas gracinhas imbecis de alusão à recente invasão italiana em terras de Africa.

Aos solavancos, daqui para ali, dali para aqui, lá vai seguindo a historietta que serve de fio condutor, de ligação de quadro para quadro. Faz-se uma espécie de revisão da História. A' cena, onde apa-

recem e desaparecem repentinamente, um a um são chamados pelo «compère» Sacha Guitry: Francisco I, Papa Clemente VII, Henrique VIII, Catarina de Médicis, Ana Boléna, Maria Stuart, Isabel de Inglaterra, Henrique IV de França, Bonaparte, a Dubary, Napoleão III, etc., e, caso curioso, quasi sempre surgem especados por traz duma mesa, incluindo o próprio Sacha Guitry, que raramente aparece noutra postura...

No final do desfile das figuras históricas vem um quadro de comédia, situado nos nossos dias, ainda por sua vez enfeitado até ao enjôo com múltiplas peripécias sucedendo-se precipitadamente sem interêsse, sem jeito e sem sentido.

A coisa tão descompassada, empolada e ôca não sei como classificar... que cinema não é... nem coisa alguma.

Sobre a interpretação das diversas figuras deste filme, duas palavras apenas. Vindos quasi todos do teatro não tiveram aso a dar grande conta de si os artistas escolhidos por Sacha Guitry... se bem que muitos não passassem de figuras decorativas. Desagradou-me particularmente Zacconi, artificialissimo no Papa Clemente VII, e Lynn Harding no papel de Henrique VIII, flagrantemente copiado da criação notável de Charles Laughton do mesmo papel.

Dois coisas apenas, nas «Pérolas da Coroa», são dadas com perfeição e justeza e, portanto, dignas de atenção: a indumentária dos personagens e o seu «entourage», notando-se mesmo, por vezes, ter havido o cuidado de copiar os personagens dos quadros célebres que os representam.

Seria, por isso, que na Bienal lhe conferiram o prémio atribuído «ao argumento mais original»? Seria por razões de outra ordem?...

Sei apenas, e digo-o com tristeza e desapontamento, que «As Pérolas da Coroa» é um filme mal feito, com pretensões, superficial e fastidioso.

— um belo filme de Victor Fleming

Entre a novela de Rudyard Kipling e o filme «Lobos do Mar», nela inspirado, há uma grande diferença. Tão grande que nem poderá dizer-se que houve adaptação livre. Foram tão sensíveis as modificações, tão sensíveis e tão profundas, que o filme e a novela divergem consideravelmente.

Todavia, eis um desses casos em que a fidelidade na adaptação cinematográfica não me parece ponto essencial.

Aqui, não se pretendeu transpor para o cinema a novela mas, tão somente, receber dela a inspiração para fazer obra diferente que melhor se prestasse as exigências de espectáculo cinematográfico, que se dirigisse mais directamente ao coração, à sensibilidade e à compreensão do público.

E foi mau o resultado? Não foi.

Victor Fleming, pelo contrário, fez uma obra sólida, ampla, sã, duma grande beleza e dum alto e incontestável alcance moral. Técnica-mente perfeito, este filme encerra uma grande e emocionante lição através uma história tão simples que é um quasi-nada. Mas é justamente essa simplicidade, na forma e no conteúdo, o seu melhor mérito.

O filme interessa, prende, encanta, comove sem um esforço, sem um artifício, sem mesmo recorrer ao efeito fácil e gasto das cenas espectaculosas que muitas vezes servem de único estelo a tantas obras infelizmente tão ôcas como frequentes.

Aqui está o valor da realização: servir-se dos elementos mais simples, conjugá-los numa justa medida, compôr uma harmonia perfeita, sem uma pausa que monotoneze,

sem um exagêro que deixe nódoa.

Victor Fleming teve ainda, a contribuir notavelmente para o grande apreço de que o seu filme é merecedor, colaboradores preciosos: Spencer Tracy, desempenhando com notável relêvo a figura do pescador Manuel; o pequeno Fredie Bartholomew, tão bom actor mas tão bonito que custa a admitir como é na fita tão orgulhoso e tão mau; Mickey Rooney, tão natural que parece, de facto, nunca ter saído dum bacalhoeiro; e, enfim, Lionel Barrymore, no velho capitão do veleiro, com a sua costumada maneira de mastigar as palavras, mas com simplicidade e acêrto

«Lobos do Mar» sugeriu-me este comentário indirecto: Está tão bem feito (e isto não quer dizer de forma alguma que se trata duma excepção; há muitíssimos filmes americanos duma simplicidade ainda maior e não menos bem feitos) está tão bem feito, dizia, que parece fácilmo fazer um filme assim. Claro que isto é um erro. Se bem que, também não é difícil, afinal. É uma questão de talento, de saber, de poder criador e até de intuição.

Ora, os realizadores portugueses deviam olhar para filmes como este com mais atenção, deviam vê-los uma, duas, três vezes e talvez aprendessem mais depressa a fazer cinema... cinema sem retorcidos, sem rodriguiños, sem piadas de revista, sem precipitações, com ordem, com singeleza e com todas as coisas nos seus respectivos lugares. Só o Leitão de Barros andou por perto na «Maria do Mar», mas perdeu-se no caminho...

